OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semestre — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas, (idem).....	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-
Brazil (moeda fraca).....	15$000	7$500	-$-	-$-

4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 74

11 DE JANEIRO 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

É correspondente d'esta empreza no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — A ida para a Romaria, G. L. — José de Sousa Bandeira, JULIO CESAR MACHADO — Actualidades Scientificas, Projectil Illuminante, R. — Passeio de S. Pedro de Alcantara, G. L. — Fortaleza de S. Sebastião em Moçambique, AUGUSTO DE CASTILHO — Viagens dos srs. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens na Africa Equatorial, ALBERTO DE CERVAES — Livros Novos, G. L. — Um Desenho Inedito de Barbosa Lima, Monumento de Thomar, XAVIER DA CUNHA — Publicações.

GRAVURAS. — A ida para a Romaria, Composição original e desenho á penna por S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando — Entrada da Fortaleza de S. Sebastião em Moçambique — José de Sousa Bandeira — Lisboa Pittoresca O Passeio de S. Pedro de Alcantara — Viagem de Exploração na Africa Equatorial, Typos Munôombes. — Projectil Illuminante — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

É extraordinario o *successo* que tem todos os annos em Lisboa, esse espectaculo velho, visto e revisto que se chama a abertura das côrtes.

BELLAS-ARTES

A IDA PARA A ROMARIA — Composição original e desenho á penna por Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando

O nosso publico que se cansa d'uma opera á quarta noite, e d'um drama á primeira, não se cansa nunca d'essa peça d'espectaculo, espectaculo probresinho, sem grande apparato, nem guarda-roupa muito rico, que a empreza-nação propina regularmente todos os annos, no dia 2 de janeiro, no velho convento de S. Bento.

É verdade que esse espectaculo tem um grande actrativo que nunca os nossos theatros dão, o ser de graça, e o nosso publico morre pelos divertimentos gratuitos, sem reparar que não ha ordinariamente espectaculo que saia mais caro do que os espectaculos que são de graça.

Em summa, o que eu sei é que no dia 2 de janeiro de todos os annos constitucionaes a cidade almoça cedo e põe-se a caminho de S. Bento.

É positivo que a cidade não cabe lá toda, mas tambem não é menos positivo que cada cidadão tem na sua algibeira dez ou doze bilhetes para esse espectaculo. O governo na impossibilidade material de dar a todos os portuguezes de áquem e além-mar um logar nas galerias de S. Bento, tem a bizarria de lhes dar em compensação um bilhete.

E os portuguezes muito contentes apertam na algibeira esse bilhete, que representa o mais sagrado e o mais incommodo dos seus direitos de cidadãos, o de assistir á inauguração das funcções d'aquella assembléa, que é conhecida na carta pelo festejado pseudonymo de representação nacional.

É verdade que o palacio das côrtes muito mais benigno que o governo não permitte aos cidadãos o usofruirem esse direito, e muita

muita gente fica por esse facto completamente isenta de ouvir o discurso da corôa, de apanhar as pisadas da multidão, de soffrer as más creações dos continuos e de ver as meias brancas dos archeiros.

Ora se o discurso da corôa é o mesmo todos os annos, a má creação dos continuos augmenta de janeiro para janeiro ao passo que a grande idéa da egualdade e da fraternidade vae invadindo os cerebros indigenas.

Os continuos de S. Bento vão comprehendendo por fim que todos os homens são irmãos, mas comprehendem-n'o á maneira de Caim.

Este anno porém, ainda não bateram, deve-se-lhe esta justiça.

— Ora a respeito da raça continuo, porque no fim de contas os continuos formam uma raça á parte, perfeitamente distincta do resto da humanidade, havia muito que dizer, um estudo curioso a tentar, mas não póde ser hoje. Os assumptos agglomeram-se, e a má creação do continuo de secretaria está tão forte, tão robusta, tão bem conservada, promette durar ainda tanto tempo, que póde bem esperar pela nossa analyse.

Pondo pois fóra da chronica occidental o continuo, como elle no dia da abertura das côrtes queria pôr toda a gente fóra de S. Bento, encontramo-nos frente a frente com esse grande acontecimento que tem occupado todas as attenções da imprensa periodica e da alta e baixa politica — a Fornada.

Primeiro que tudo achamos d'um pittoresco maravilhoso a sem ceremonia com que o calão se intromette pelas altas regiões da Politica.

É d'um effeito comico originalissimo! Um jornalista grave, um politico de polpa, pega na sua penna sisuda, uma penna que não sabe senão molhar-se no vasto tinteiro onde *navega a nau do estado*, e que tem no fundo *as provincias da publica administração*, e enche columnas e columnas com um artigo profundo, cheio da mais alta sciencia governativa, da mais austera indignação patriotica, resolve com uma ortographia por vezes duvidosa e uma grammatica extremamente phantasista, todos os mais importantes, sisudos e engravatados problemas da governação dos povos, e o demonio do calão mette-se n'esse tinteiro da salvação publica, mesclêia o artigo como os quadrados multicores das vestes d'um palhaço e colloca-se gravemente no alto d'essas columnas, como um barrete de guisos na cabeça veneranda d'um patriarcha.

E ninguem chama á nomeação de pares senão fornada, fornada para aqui, fornada para ali, rodeada de quantas phrases ha mais emproadas na rhetorica do sr. Joseph Prudhomme, e toda a politica portugueza toda a eloquencia parlamentar, toda a indignação dos estadistas profundos, gira em torno d'esse enfarinhado termo de padeiro, que Gravoche um dia assobiou na rua e que os estadistas portuguezes intercalaram no seu austero vocabulario politico, com a solicitude cuidadosa, com que se desafinassem n'outra orchestra que não fosse a phylarmonica politica, metteriam na partitura dos *Huguenottes* os compassos vadios do *Afasta, janota, afasta*.

Mas a respeito da *fornada*, — assim como assim como se lhe hade chamar? — ha uma coisa original, curiosa, que para nós vale mais do que todos os artigos que se tem escripto pró ou contra — são as apostas.

Implantou-se ha pouco tempo entre nós um divertimento cujo primeiro attractivo são as apostas: — as corridas. Pois as corridas morrem porque não ha quem aposte. O Lisboeta é muito grave, é muito sisudo, é muito economico, vae ao hypodromo ver correr os cavallos com o recolhimento profundamente religioso com que assistiria a um officio de defunctos, mas lá apostar nem um real. Chega a fornada. De um lado e d'outro erguem-se gritos assustadores. Se o rei dá a fornada a patria periclicta, berra a opposição; se o rei não dá a fornada periga o paiz, dizem os governamentaes. E as phrases tragicas arregimentam-se, formam-se em columnas cerradas como se se preparassem para um funeral. E n'este momento solemne o que se imagina que faz a opposição que faz a opposição, que vê o paiz á beira do abysmo. Pega em armas? Não senhor pega na bolça, e aposta. Se ha fornada afunda-se o paiz, cinco tostões á preta; se não ha fornada, abala-se a monarchia, setecentos e vinte a encarnada. E Portugal que nas corridas de cavallos se conserva anhelante, recolhido e grave, quando vê que a corôa está em risco, não lhe quer ficar atraz e arrisca... a sua meia corôa.

Nós que não jogámos n'esta cartada vemos indifferentemente sair as cartas regias no *Diario do Governo* como se vê sem commoção, quando não se aposta, apparecerem as cartas de jogar no rhetorico tapete verde.

— Por muito tempo julgou-se em Lisboa que o sr. José Romano, um auctor muito festejado das platéas tinha o previlégio exclusivo dos naufragios.

O naufragio do brigue Mondego, *os Ladrões do Mar*, tinham-lhe conferido esses direitos.

Mas de repente, eis que uma bella noite, a noite de 5 para 6, a barra de Lisboa sem se dar ao incommodo de vir por ahi baixo a ajudar a enriquecer o sr. Salvador Marques e tomar o seu logar no theatro da rua dos Condes, presenceou um d'esses espectaculos terriveis, sem prosa do sr. José Romano, nem machinismo do sr. Castello.

Um, não dizemos bem, dois, porque o choque terrivel que se deu entre o vapor inglez *Harelda* e o vapor hespanhol *Leon* afundou os dois navios. Um espectaculo medonho pelas informações que por emquanto ha. Era alta a noite, o *Leon* ia em frente do Cabo da Roca, de repente recebe um choque violento. Era o *Harelda* que lhe dava o beijo da morte. Os gritos das duas tripulações erguem-se tremendos d'aquelles navios que desappareciam debaixo das ondas.

N'um minuto terrivel d'aquelles dois vapores, só restavam uns escaleres pequenos, uns fragmentos insignificantes a que se agarravam como á ultima esperança de vida os desgraçados viajantes. E durou horas essa agonia. Gritavam e ninguem os ouvia. Olhavam em torno de si e só viam ameaçador o enorme deserto de agua. Por fim veiu o soccorro. Quantos morreram? Não se sabe. Quantos se salvaram? Quarenta e sete, e diz-se que foi egual o numero d'aquelles que se perderam.

Francamente apesar das tiradas sentimentaes dos galans e das ameaças rhetoricas dos tyranos é muito preferivel ao ler as narrativas d'estes dramas medonhos, o assistir, nos bancos apertados do theatro da rua dos Condes, aos naufragios que se dão nas costas orientaes do Passeio.

GERVASIO LOBATO.

A IDA PARA A ROMARIA

DESENHO DE S. M. EL-REI O SR. D. FERNANDO

Cumprindo a sua promessa o OCCIDENTE tem hoje a honra de dar na sua primeira pagina a gravura d'um gracioso desenho feito á penna por sua magestade el-rei o sr. D. Fernando.

O desenho, com que o real artista nos fez a subida honra de presentear, representa a ida para a Romaria, para uma romaria antiga, coeva d'aquelle grotesco chapéo de sol da comica figura, que occupa o logar principal do quadro e d'aquelle enorme chapéo alto d'aquelle cavalleiro, que já lá vae um pouco adiante, entre nuvens de poeira levantadas pelas patas do seu cavallo.

É um bello typo comico o homem do chapéo de sol: ha muita verve n'aquelle velho baixo, curcuvado, com a sua cara rapada, uma cara de oraculo d'aldeia, com os seus oculos de presbyto, e o seu enorme chapéo um pouco abbadengo. A posição do chapéo de sol fechado debaixo do braço dá um bello tom grotesco áquelle typo bem observado do natural. O cão que corre atraz dos cavallos tem tanta verdade, que quasi que se ouve ladrar.

Ha em todo o quadro, apanhado rapidamente do natural, por força remeniscencia d'uma scena presenceada ha tempo, um tom ligeiramente humoristico, que lhe dá uma feição alegre que lhe realça muito o merecimento.

O OCCIDENTE agradecendo reconhecido a sua magestade a alta fineza da sua dadiva tem o prazer de annunciar aos seus leitores a esperança que lhe deu el-rei o sr. D. Fernando de continuar a honral-o com a sua illustre e notabilissima collaboração.

G. L.

JOSÉ DE SOUSA BANDEIRA

Chamava-se José de Sousa Bandeira.

Tres homens haviam feito valer o folhetim em Portugal:

— Lopes de Mendonça; Antonio da Cunha Sotto Maior, e o Bandeira, conhecido nas letras por Braz Tizana.

Mendonça representára verdadeiramente, propriamente, as letras, a critica, o espirito.

Sotto Maior representára a phantasia romantica

Bandeira representou sempre o que chamamos chiste, pilheria: neto até certo ponto de José Agostinho de Macedo, como elle esperto, paradoxal, bulhento, gostando do motim e das audacias, comquanto inferior ao padre não só em talento, mas em erudição e nos prodigios de memoria em que brilhava aquelle productor infatigavel.

Tinha esse homem a graça terra a terra, graça que não tem azas nem quer tal-a, que anda ao nivel da comprehensão, tendencias, e predilecções do vulgo, que estabelece como que uma collaboração tacita do escriptor e do leitor, ao ponto de ficarem eguaes e sentirem-se da mesma força.

É essa a graça, que, entre nós, melhor alcança a popularidade.

Em ar de brincadeira esse homem foi um jornalista não sei se respeitado, mas temido. Invejava-se-lhe o sceptro, cubiçava-se lhe o poder, e ninguem o queria, e recusaram-o todos a quem elle depois de velho tentou offerecel-o; o throno de Hespanha em certas occasiões era o modelo em grande d'aquella ordem de coisas. Tem havido simples particulares, mais conhecidos dos credores, que das nações, que por terem os seus negocios em mau estado, estejam sempre a ponto de resoluções desesperadas, e que, fosse qual fosse a circumstancia, se offereceriam para governar os hespanhoes, até com abatimento consideravel na lista civil: mas o Bandeira quando quiz um redactor, não lhe appareceu ninguem, nem mais caro, nem mais barato; e o Agapito separou-se e creou em Lisboa um jornal da mesma indole do *Braz Tizana*, que elle collaborára.

Qual fôra o segredo do *Braz Tizana*?

A pilheria, algumas vezes a bisbilhotice, mas emfim a alegria das suas cartas, que eram nem mais nem menos do que os erros da opinião publica, a qual principiou por esse tempo a formar-se, e que, comquanto não tenha conquistado nenhum direito e continue a viver pela tolerancia, já exerce hoje uma acção extraordinaria, porque não só o governo lhe não tem refreado o impeto, mas como que se tem comprazido em a deixar crescer, na idéa de ser uma força mais a ajudal-o, não deixando elle por isso de estar sempre no caso de a conter e de a dirigir. O peor é que não só a não dirigiu nunca, mas chegou a estar sendo dirigido por ella.

Escusado é dizermos que, se ha coisa respeitavel, é a opinião publica, e que a intervenção activa d'ella nos negocios politicos é um dos progressos d'este seculo; mas o que é necessario é que ella seja esclarecida e experiente, e isso, infelizmente, é o que ella entre nós não tem chegado a ser.

José de Sousa Bandeira quiz, até o ultimo periodo de sua longa vida, reagir contra a hypocrisia com que as coisas eram julgadas; dizia elle que as palavras são como o vidro, e que escurecem tudo que não ajudarem a ver melhor. Moralista faceto, nunca deixou fugir-lhe o genio para a mysantropia e exercitou constantemente o lapis ironico na politica, á excepção de pequenas excursões fóra d'esse circulo que traçára a si proprio. Via as coisas como são, e castigava-as rindo; foi elle que disse, de uma occasião, ao grande Castilho, a proposito do seu *Methodo de leitura repentina*, que o melhor seria não teimar com aquillo, e que nunca os governos poderiam ver n'isso vantagem de nenhuma especie, *porque se toda a gente soubesse ler, seria impossivel governar*. Cito este dito, porque me persuado que dá a nota da caustica graça d'elle.

Não foi bem um escriptor, no sentido elevado d'esta palavra, teve convicções e não hesitou [illegible] temeridade de dizer o que sentia: *Creaidi, propter quod locutus*; *tive crenças, e por isso fallei*. A liberdade foi a paixão d'esse homem; não a poetisou, mas foi-lhe fiel.

O serviço de *novidades* especial áquelle periodico, não só bem retribuido, mas dirigido por elle com o chefe experimentado, e verificado por sua filha como sub-chefe intelligente, levava á redacção um contingente de noticias de toda a especie, que eram logo examinadas, encontrando unicamente logar nas columnas do jornal aquellas cuja veracidade estivesse bem provada. Foi exactamente então que principiou a observar-se por gosto a moda de annunciar á Europa que a menina tal, filha de fulano, esteve em vesperas de se cazar com sicrano; que a baroneza * já, havia dias, se encontrava no seu estado interessante; e que o juiz * soffria cada vez mais de hemorroidal: communicações domesticas, que poderiam fazer-se em pleno escriptorio, mediante a intervenção não dissimulada de especies sonantes, se não fosse a compadrice e as complacencias bonacheiro nas, que sempre em Portugal, mais ou menos, tem reinado na imprensa, estabeleceram a maior facilidade em poderem levar-se de graça ao conhecimento do publico os pormenores interessantes de taes casos.

Fez prodigios, movido pelo amor á liberdade; o *Azemel*, jornal fundado por elle em Guimarães, em 1823, o *Artilheiro*, o *Periodico dos Pobres do Porto*, e finalmente o *Braz Tizana*, foram o terror dos reaccionarios, sem outro segredo de combate que não fosse o atacar pela mordacidade e pelo chiste, atacar rindo, com critica acerba e irresistivel; a graça foi a sua arma, e soube ganhar-lhe honras e glorias, até as da perseguição, que o atirou para as cadeias da relação do Porto.

O *Artilheiro* teve artigos notaveis de pilheria, a *Confissão da imprensa livre portugueza*, por exemplo, o *Passeio da mãe e da filha*, que eram a Constituição de 20 e a de 26, a *Conversa na taberna*, entre o chefe

de ladrões e o aprendiz. Entretanto, todos esses artigos tinham de morrer sem quasi deixarem memoria de si, por serem escriptos sem cuidado litterario, sem attenção e o esmero que unicamente podem conservar, pelo estylo, os improvisos folhetinisticos; destinados, a não ser isso, a entreterem unicamente durante vinte e quatro horas e a não viverem mais do que ellas.

Ao receber no Porto uma carta de Bandeira, em que me dizia amavelmente que desejava ver-me; que estava doente e velho, por isso não sahia de casa; e que eu lhe daria gosto, visitando-o: não me demorei em o fazer senão o tempo de pôr o chapeu e ir para a rua.

Ao entrar em sua casa, vi um velho sentado a uma grande mesa de trabalho e uma menina a seu lado.

O velho era Bandeira; branco, tropego, querendo levantar-se para me receber, e contentissimo de que eu fosse ao encontro d'essa amabilidade e lhe poupasse o incommodo de se pôr em pé.

A menina era sua filha, D. Maria da Gloria Bandeira, de quem no Porto se fallava muito como pianista; que, pouco tempo depois, casou com Theotonio Patricio Alvares, e, pouco tempo depois de casar, morreu. Era essa menina quem fazia ultimamente quasi o jornal inteiro. Ao vel-a junto de seu pae lendo-lhe as noticias dos jornaes de Lisboa que acabavam de chegar-lhe pelo correio, lembrou-me a casa de Alexandre Magno de Castilho, o fundador e compilador do *Almanach de Lembranças para Portugal e Brazil*. Da unica vez que tive o gosto de o ver no escriptorio, encontrei-o com centos de jornaes diante de si, e sua filha com uma grande thesoura na mão:

— Estamos a fazer o almanach! — disse-me elle.

Marcavam á margem da folha, durante o anno, todos os jornaes em que encontravam noticia que lhes agradasse; depois, no tempo competente, iam-se áquella tarefa, e melhor do que a tia do Nicolau Tolentino armou ao sobrinho de uma saia um fraque, engendravam, d'aquelles papeis cortados, o mais curioso e entretido almanach, e uma das emprezas mais lucrativas do tempo.

— Venha cá — disse-me Bandeira — o folhetim de vinte annos abraçar o folhetim de sessenta e dois!

Ri muito com elle. Tinha immensa graça. Contava bem, e tinha muito para contar. Devorado pela doença e pela edade, triumphava a cada momento da edade e da doença. Que de coisas havia passado! Estivera immenso tempo preso na torre de S. Julião; chegára a dar as voltas á roda da forca: era casado pela quarta vez... Celebre homem!

O seu maior prazer áquelle tempo era conversar e fumar. Uma vez feito o jornal, appareciam pelo dia adiante uns amigos, que, em tendo caso, raridade, anedocta, corriam a offerecer-lhe o recreio de a ouvir. Elle ria, ria, e ficava de bom humor para muitas horas. Era coisa para se ver! Chegava um, dava os bons dias á familia, apertava-lhe a mão a elle, que o olhava desde que o visse entrar, com a avidez de um sequioso e a severidade de um juiz; depois, em seguida...

— Esta é lá dos meus sitios...

— Ha de ser boa. As da Beira são sempre boas. Conta...

N'aquelle momento chegava outro amigo, e, tirando a vez ao primeiro:

— O Bandeira, queres saber o que me contaram? O motivo porque a prima dos Manços deu em tonta...

— Por ser da familia? — retrocava o Braz Tizana a rir.

— Não. Por outra coisa, que se soube agora. Ainda por aqui não consta. Anda abafado isto... Coitada! Conheci-a pequena. Bonita! E, olha tu, se o mundo lhe tivesse sido indulgente, poderia haver sahido d'ali uma joia! Mas o mundo é bruto, tolo e mau: tenho pena por elle, mas deve-se-lhe esta justiça.

— Sim! Deve-se-lhe essa justiça!

— Fel-a gastar o melhor tempo da vida a preparar-se para ser feliz e a merecel-o, e faltou-lhe a tudo; cuidava a pobre creatura que ser bonita seja o mesmo que pôr o amor no seguro. Espera por isso! Veio a conhecer com o tempo que as bonitas são principalmente destinadas... a que a gente as deixe para nos irmos ás feias!

— Está claro!

— Nós admiramos muito, sim, admiramos sinceramente uma senhora que seja prendada, mas as estupidas são as que nos captivam... Estou em te dizer, José, que até, por uma lei absurda, tem-se grande estimação pelas que são sérias e modestas... e gosta-se das outras.

— Cala-te as paredes teem ouvidos...

— Quando a prima dos Manços chegou a perceber tudo isto, ia já a deixar atraz de si a mocidade, e estava furiosa, estava o que o povo diz, damnada! Mordia-se com a idéa de haver sempre aspirado sem obter; de lhe haver fugido tudo, quanto julgasse ter seguro! O espelho principiava-a entristecel-a ainda mais: e a sua pouca felicidade a dar rasão ao espelho. Já ia para saltar o barranco que em todos os tempos os moralistas teem desenhado com uma certeza de geographos: ia dar-se toda á devoção... N'isto, como tivera uma herança, appareceu-lhe noivo: casou. O marido tinha olhinhos piscos; pretenções a importante; dava-se ares de ter idéas altas, mas via-se logo... que eram baixas; largas, poderia ser, mas baixotas!

Viveram antes mal que bem. Não porque elle fosse um monstro, era um sensaborão presumido e ajudado não pela sorte, mas pelas protecções, que são uma especie de sorte que se arranja cá por baixo. Ás vezes chegava a parecer um menos mau figurão, entre interesseiro e sincero: mas se as coisas que dizia lhe vinham do coração, não é menos verdade que lhe sahiam pelo nariz: era fanhoso. O peor dos crimes!

Foi-lhe ella a pouco e pouco tomando tal quisilia que o seu gosto seria esganal-o. Mas, não se esgana assim! Continha-se, e ia-lhe fazendo presente em especial, do odio que tinha ao mundo todo. Chegado o dia em que o marido se sentiu em artigos de morte, como ella o fazia de fel e vinagre nos ultimos tempos, não quiz elle morrer sem lhe pregar uma peça, e jurou-lhe que voltaria cá todas as noites para a apoquentar.

— «Para me apoquentares!?» — exclamou a rapariga.

— «Sim! Para te apoquentar!...»

Isto, que parecia nada, inquietou-a muito; inquietou-a ao ponto de querer tomar precauções.

Foi-se a elle depois de morto, e pregou-lhe um prego na cabeça e outro nos pés, para ficar bem preso ao caixão e não se poder d'ali mecher.

Nunca o marido — esse é que é o caso — nunca lhe appareceu. Ella ia passeando a sua elegante viuvez, e apesar de ir para velha, como estava rica, os caçadores de dotes faziam-lhe muito a côrte. Ella ria-se. Haverá mez e meio, contou muito contente a duas amigas a esperteza que tivera; as amigas foram dizer tudo á familia, e um dos parentes obrigou-a a ir despregar o corpo do marido.

D'ahi lhe vem o nervoso, agora. Desde que tal fez, treme de medo que o marido se lhe apresente... Tem horas de loucura, e, nos intervallos lucidos, estremece á idéa de morrer de algum ataque mais forte... e ir encontrar-se com o marido.

— Diacho! — ponderava o Bandeira. — Por causa de Cupido mil transtornos; uns roubam, outros matam, outros suicidam-se, alguns — até se casam! Lembrar-me eu que já perpetrei esse acto quatro vezes sem me pregarem!...

Quando se lhe fallava do correspondente do seu jornal em Lisboa, respondia tranquillamente:

— Ah! O Agapito?! Magnifico. Conhece todas as senhoras, entende de *toilettes* de damas, e anda em dia com os bailes. Não sei quem elle seja.

— O Agapito?

— Nunca o vi. Não o conheço.

— É boa! Mas, ao menos, por cartas...

— Tenho cartas de um homem que me diz que mande eu dinheiro, que elle mandará artigos. Mando-lhe dinheiro, e elle, effectivamente, manda os artigos. Já ha muitos mezes que offerece dizer-me o seu nome verdadeiro; e vir ao Porto apertar-me a mão, a não se dar o caso de ir eu a Lisboa apertar-lhe a mão a elle...

— E então?

— E então, respondo-lhe sempre que o melhor é não vir elle ao Porto, não ir eu a Lisboa, não nos apertarmos a mão, e ficarmos sempre n'isto de nos não conhecermos, para elle não ter o trabalho de desafivelar a mascara. Oxalá ninguem houvesse jámais sabido que o *Braz Tizana* fosse este seu venerador José de Sousa Bandeira. Para que quero eu saber quem seja o *Agapito*? Nada chega ao mysterio. O' sigillo!... Se muitos homens preferem as amantes ás mulheres legitimas, não sabes porque é?

— Não sei.

— É porque as conhecem menos, e ellas os conhecem menos a elles!...

A's noites, porque já não jogasse, e não podesse supportar o calor: eu se reunindo muita gente nas suas salas, deixava as visitas entregues ás delicias da musica e da conversação, e ia sentar-se na escada.

Na escada!

Era o seu forte. Ali fumava, aproveitando as primeiras novidades dos convidados á proporção que chegavam, e que, antes de entrarem na sala, eram obrigados na escada a dizer-lhe o que houvesse por esse mundo, obrigando-os ás vezes a sentarem-se ao seu lado nos degraus, e ali ficarem, narrando e discutindo... Houve tal que, tendo chegado ás nove horas, se conservou na escada, conversando, até á meia noite. A' meia noite, porque toda a gente fosse já a retirar-se, e o convidado entendesse serem horas de fazer o mesmo, despedia-se de Bandeira:

— Adeus, sr. Bandeira. Obrigado. Já estão na sala a apagar as luzes. Ora, parece-me que seria, ao menos, do meu dever, entrar um instante, para cumprimentar as senhoras...

— Não...

— Póde a familia de V. Ex.ª extranhar, e com rasão que eu não passasse d'aqui, e não fosse, ao menos, dar-lhe as boas noites...

— Não tem duvida. Adeus, meu amigo! Ora, muito me contou! No sabbado proximo não disponha de si, hein? Tambem cá temos annos...

— Hoje eram annos?!

— Eram, sim. Isso é a mesma coisa. Adeus. Vá o meu amigo para sua casa... Boa noite e obrigado!

Tal era o Braz Tizana em 1860.

JULIO CESAR MACHADO.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

PROJECTIL ILLUMINANTE

Desde os tempos mais antigos temos noticia de que todos os povos, quando se achavam em guerra, procuraram sempre descobrir ou prescrutar os trabalhos dos inimigos, effectuados durante a noite.

Quem percorre as nossas historias, especialmente na parte relativa ás guerras da Asia e de Africa, encontra a cada passo tambem com tentativas de genero variado emprehendidas para aquelle fim: já em sortidas á mão armada, já lançando fogo a objectos de facil inflammação, já por meio de projecteis luminosos, que na sua passagem ou queda permittiam reconhecer alguns d'aquelles trabalhos.

Todos estes meios porém, cada vez mais aperfeiçoados, segundo a aptidão dos diversos povos, não satisfaziam ainda completamente ás necessidades da guerra, e por vezes, como na ultima lucta franco-prussiana, muitos movimentos do inimigo poderiam ser inutilisados, se a outra parte belligerante os tivesse podido reconhecer, não já adivinhar.

Os successos d'essa ultima pugna gigantesca, entre duas das maiores nações da Europa, a arte, a sciencia, o calculo, a previsão, a observação tão precisamente desenvolvidas e empregadas pela Prussia, fizeram com que a França, até ahi fiada no prestigio da sua gloria, do seu valor e do seu talento, tenha procurado dedicar a esse, infelizmente, importante ramo da vida das nações, toda a sua actividade, engenho e força imaginativa.

Os projectos, os aperfeiçoamentos, os inventos succedem-se cada dia, e o exercito da grande republica franceza acha-se hoje elevado em disciplina, instrucção tactica e desenvolvimento material a um alto grau de perfeição.

Não é dos menos uteis, nem dos menos curiosos e importantes, o invento de projecteis luminosos construidos na escola polytechnica de Bourges e ensaiados na escola de artilheria de Vincennes, em setembro do anno findo, para o fim que mencionamos.

Os resultados obtidos foram tão satisfatorios, que merecem que demos conta do invento.

Consiste elle em um projectil composto de materias que se consomem facilmente pela explosão da polvora, e que servem de involucro a uma grade ou rede de ferro de fórma espherica, contendo um mixto inflammavel, que despede uma luz branca assaz intensa. No momento em que este mixto se inflamma, abre-se ou desdobra-se sobre o projectil uma especie de pára-quedas de dois metros de raio, por virtude do qual aquelle se póde sustentar algum tempo no ar, illuminando os trabalhos do inimigo n'uma area de 200 metros de diametro. O pára-quedas desempenha a um tempo a dupla missão de suster o projectil no ar, e de servir de reflector á luz ministrada pela materia inflammada.

A nossa gravura da pag. 16 mostra o projectil no ar, quando depois de inflammado funcciona como illuminante, e é facil reconhecer as vantagens que d'este invento se podem tirar.

Algumas experiencias haviam sido feitas para este fim entre nós pelo sr. Tavares, mas que não podem competir com o resultado do invento francez.

R.

O PASSEIO DE S. PEDRO DE ALCANTARA

É o sitio mais pittoresco de Lisboa, o encanto dos estrangeiros e o regabofe dos namorados. Charles Mazade, quando esteve cá, de tudo da nossa cidade o que lhe deu mais no goto foi S. Pedro de Alcantara com o seu bello ponto de vista e a sua exhuberante vegetação, e consagra-lhe longos periodos do seu artigo sobre Lisboa na *Revista dos Dois Mundos*.

S. Pedro de Alcantara effectivamente occupa uma das melhores situações da nossa cidade: o panorama que d'elle se disfructa é magnifico, e nas noites de luar, é d'um effeito surprehendente o Tejo visto d'ali.

A moda porém abandonou o Passeio de S. Pedro, ou antes fez sempre pouco caso d'elle, e preferiu-lhe o Passeio do Rocio, um poço gradeado, onde a sensaboria cresce muito mais que as arvores e onde as pneumonias passeiam de braço dado com os janotas da baixa.

Ainda não ha muito tempo, lembro-me d'umas tentativas infructiferas que fizeram os moradores do sitio para animar aquelle formoso parque. Essas tentativas foram um coreto e uma charanga nas quintas feiras á noite. Mas o *fiasco* foi medonho; a festa degenerou rapidamente n'uma especie de arraial, a musica teve que abalar deixando o Passeio entregue ao silencio mysterioso das suas noites, silencio que tem ouvido os segredos e os suspiros de todos os amores triviaes de Lisboa, ha uns bons cincoenta annos a esta parte.

O Passeio de S. Pedro de Alcantara tem actualmente duas especialidades de publico, uma de dia outra á noite. De dia é o Passeio das creanças, de noite o dos namorados.

Em tempo teve tambem outra especialidade, uma especialidade lugubre, a dos suicidios. A muralha de S. Pedro de Alcantara, aquella grande muralha que deita para a rua das Taipas, e que vae ser em breve inspeccionada por suspeitas de ameaçar ruina, foi por muitos annos o suicidio mais commodo e mais barato de Lisboa. Quem queria acabar com a vida não tinha que gastar dinheiro em venenos, em rewolvers, em cordas, em carvão, ou em phosphoros, chegava ali e zás! Era uma vez! Caia morto na rua das Taipas, a dois passos da casa funeraria da Misericordia, que fica na calçada da Gloria em frente d'essa rua.

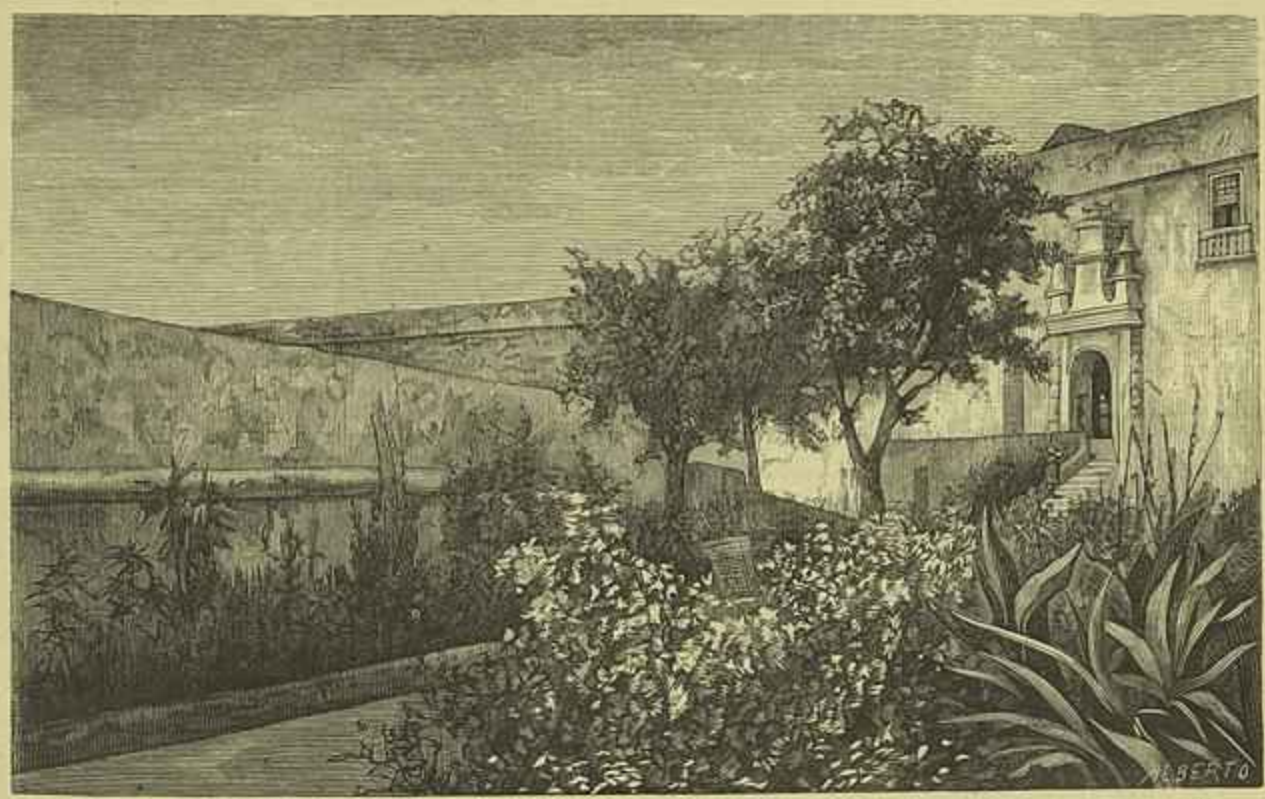
A camara municipal porém, entendeu um dia que devia acabar com aquella fabrica de suicidios, mandou pôr nas muralhas umas grades. Houve muitos protestos, muitas criticas, muita troça, mas as grades lá ficaram e a vizinhança deixou de passar a vida a ver os outros perderem-n'a.

A rua das Taipas que fica por debaixo de S. Pedro de Alcantara e que fecha a nossa gravura, deixou pois de ser uma rua de mortos como d'antes era. D'antes era-o de dia e de noite; de dia dos mortos que o suicidio atirava lá de cima, de noite dos mortos que a navalha dos ratoneiros faziam cá embaixo: porque ainda ha poucos annos era tão perigoso passar depois das Ave Marias pela rua das Taipas, como hoje é o ter quintal para as obras da Avenida.

O jardim de S. Pedro soffreu n'estes ultimos tempos grandes modificações. No jardim debaixo, haviam umas frondosas arvores que enchiam tudo aquillo de sombra e de namorados.

Ha poucos annos, uma vereação, arrancou tudo, os namorados as sombras e as arvores e substituiu-as por uns bustos de pedra de grandes homens, entre elles Luiz de Camões.

O busto não é uma obra prima, e o grande épico, Affonso de Albuquerque, Vasco da Gama, e outros heroes que a camara municipal ali mandou plantar entre os alecrins do norte, vieram dar ao Passeio de S. Pedro de Alcantara umas grandes parecenças com os *Lusiadas*, a alliança da patria e da mythologia, das glorias Lu-



AFRICA PORTUGUEZA.— Entrada da Fortaleza de S. Sebastião em Moçambique (Segundo uma photographia)

sitanas e das divindades olympicas, porque Affonso de Albuquerque, sorri a Minerva, Vasco da Gama, *fiz pendant* ao busto de Ulysses, e Camões parece piscar o olho a uma Venus de cantaria.

No passeio de cima expulsaram o chafariz, puzeram um tanque e augmentaram a alameda ampliando assim os jardins da Cythera do bairro central e alto.

A illuminação de S. Pedro de Alcantara é delicadamente discreta, e os bancos alinhados são logo ao cair da noite povoados por casaes amorosos, que vão para ali estudar Ovidio e Gentil Bernard debaixo da protecção mysteriosa das trevas do gaz municipal e do somno pezado dos guardas do jardim.

S. Pedro de Alcantara está hoje um dos sitios mais formosos de Lisboa. A rua que lhe fica fronteira tem-se guarnecido toda de bellas propriedades modernas, mas o jardim ainda não perdeu a sua especialidade :— o amor. As vercações olham agora muito por elle e trazem-n'o muito aceiado, e S. Pedro de Alcantara está portanto debaixo de duas valiosas protecções, da da camara mucipal e da de Venus.

G. L.

A FORTALEZA DE S. SEBASTIÃO DE MOÇAMBIQUE

(Continuado do numero antecedente)

Tal qual a hoje vemos nobremente erguida sobre as rochas de coral que constituem o esqueleto da pequena ilha de Moçambique, é a fortaleza de S. Sebastião um vastissimo edificio de quatro faces, com outros tantos magnificos baluartes elevados, deffendidos ainda os do lado da barra, por obras exteriores importantes.

Esta grande fortificação que era, no tempo em que a imaginou o grande capitão D. João de Castro, perfeitamente inexpugnavel, occupa uma area de mais de cinco hectares, toda circundada de muralhas de 22 metros de altura, e com canhoneiras para mais de cem boccas de fogo.

Assente mesmo no extremo nordeste da ilha, domina exactamente o estreito canal que dá entrada para o porto interior, passando-lhe todos os navios debaixo das suas baterias e a não mais de 200 metros de distancia.

Como fortificação é ainda hoje muito valiosa a Praça de S. Sebastião; como padrão documental da nossa passada grandeza n'aquelles mares, é um dos mais soberbos monumentos com que podemos ennobrecer-nos.

Dentro d'aquelle recinto encontram-se amplas cisternas subterraneas de muitas dezenas de metros cubicos, uma nobre e espaçosa residencia para o commandante, secretaria, quarteis, paioes de polvora, arrecadações, casas de moradia para muitos officiaes, prisões, cozinhas, uma estação semaphorica, e até um cemiterio.

A egreja de S. Sebastião que deu o nome á fortaleza, que era situada á mão esquerda da porta principal, e que foi outr'ora freguezia, está hoje convertida em cozinha regimental, servindo ao culto unicamente a capella de Nossa Senhora do Baluarte, situada nas obras exteriores do baluarte d'aquelle nome, no angulo nordeste, e por fóra das altas muralhas, como nol-a representa o quadro do distincto artista Isaias Newton de que a nossa gravura é copia.

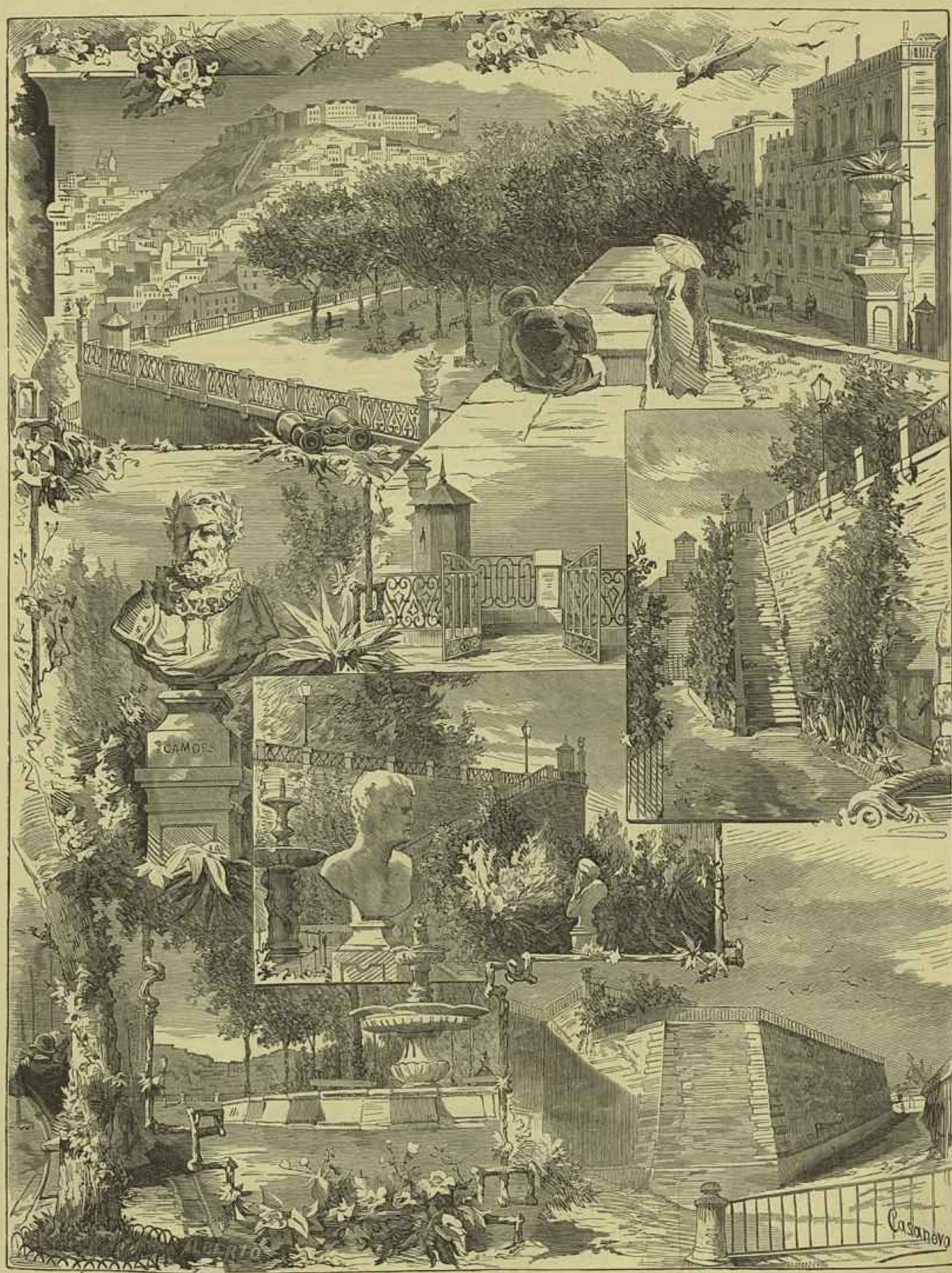
Apesar de tantas edificações em tão resumido ambito, ha ainda no centro do quadrilatero uma vasta parada onde manobra á vontade um batalhão; e em volta das muralhas um amplo passeio ao longo das baterias, não fallando em uma horta regular com seu poço, situada no baluarte de S. Gabriel e do usofructo do commandante.

A artilheria que guarnece a Praça de S. Sebastião, é hoje com excepção de duas grandes columbrinas de bronze que deffendem a porta, toda de ferro de diversos calibres, predominando o 18 antigo de marinha. Os reparos estão pela maior parte em pessimo estado.

Ainda ha poucos annos, em 1864, toda a fortaleza era guarnecida de bellissimas peças de bronze, pela maior parte muito antigas, e

José de Sousa Bandeira (Segundo um retrato da época)

LISBOA PITTORESCA



O Passeio de S. Pedro d'Alcantara — (Apontamentos do natural por Casanova)

algumas tomadas aos holandezes. Essas peças vieram para Lisboa na barca *Novo Paquete* para serem fundidas e transformadas.

No baluarte que olha para sueste, ergue-se um mastro com seus mastareus de gavia e de joanete, competentemente apparelhado, e que levanta a bandeira das quinas a 35 metros acima das muralhas.

É pois o galope d'este mastro onde tremula a bandeira, o ponto culminante de toda a fortaleza, de toda a cidade, e de toda a ilha de Moçambique, sendo conseguintemente o que primeiro é avisado pelos navios que veem demandando aquella costa.

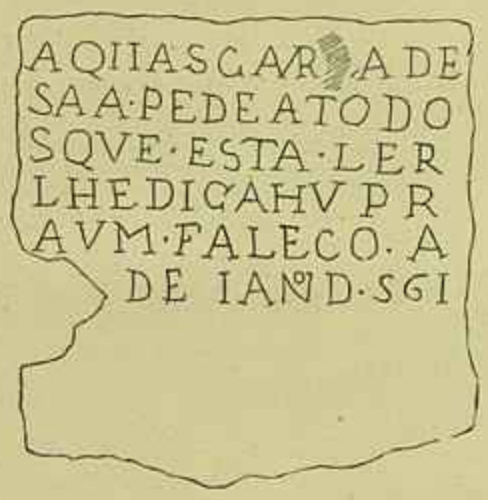
Numerosos bandos de pombos povoam a fortaleza e habitam ha longos annos em cavidades expressamente feitas nas paredes da escadaria que conduz ao baluarte de S. Gabriel e ás casas do commandante. Como ninguem lhes faz mal, e como pelo contrario, ha no orçamento consignada uma verba especial para sua sustentação, estes poeticos animaesinhos teem-se tornado familiares, e são por todos chamados, *os pombos de Nossa Senhora*.

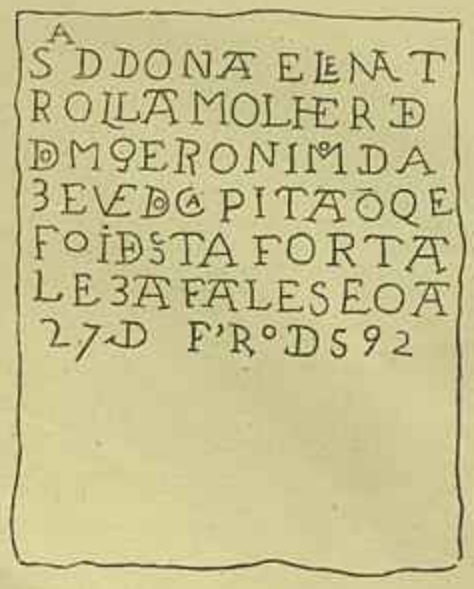
Voltemos porém á capella. Este templosinho que é todo de abobada, é de pequenas dimensões em si, mas tem um como prolongamento em frente da porta, formado por uma arcaria coberta, que é propriamente o corpo da egreja a que a capella servisse de tabernaculo. É n'esse adro ou peristilo que está o pulpito e o baptisterio.

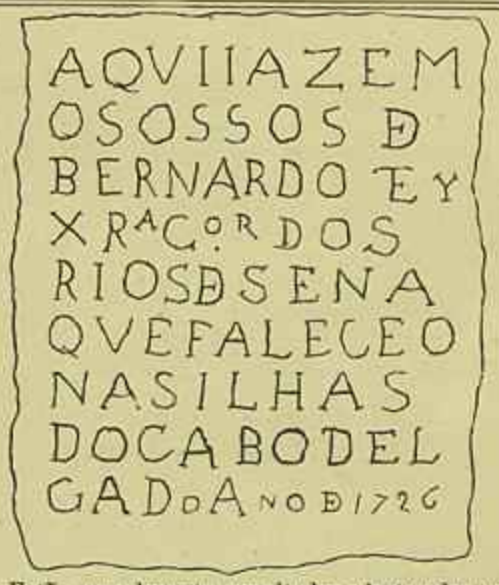
Na capellinha de Nossa Senhora que é primorosamente adornada de ricas e antigas alfaias, arrecada-se, nas mãos da imagem da Virgem, o bastão do governo da provincia, e é ali que se celebra a ceremonia religiosa da posse dos governadores geraes, ao ribombar de uma salva real dada pela Praça. A 20 de janeiro dia de S. Sebastião, orago da fortaleza e da cidade, ha tambem festa ali.

Terminaremos este estudo dando conta minuciosa das sepulturas que se encontram na capella de Nossa Senhora.

No adro exterior, além de uma sepultura grande com armas quasi de todo obliterada, existem tres legiveis que são as seguintes:







Estão egualmente sepultados n'este adro exterior da capella os seguintes Governadores Geraes fallecidos em Moçambique, cujas campas não teem inscripção alguma:

Marquez de Aracaty fallecido a 28 de março de 1838.

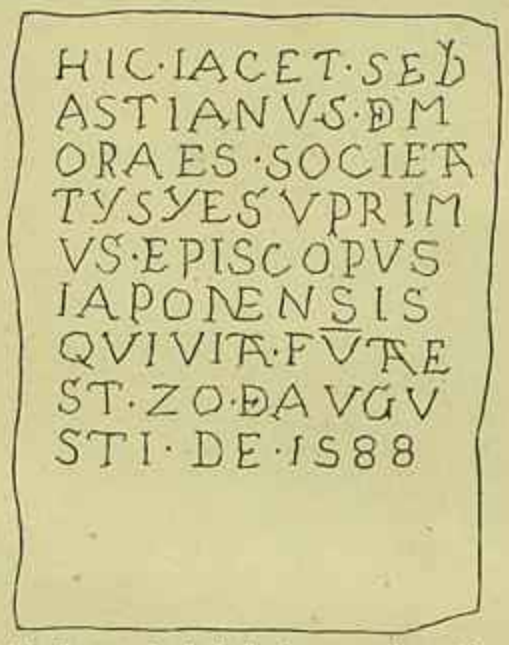
Antonio Augusto de Almeida Portugal Correia de Lacerda, fallecido em agosto de 1868.

Fernando da Costa Leal, fallecido a 29 de dezembro de 1869.

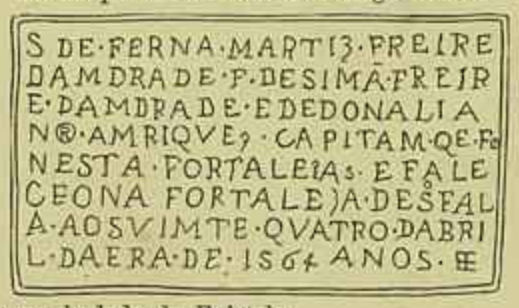
José Rodrigues Coelho do Amaral, fallecido a 14 de dezembro de 1873.

Dentro da capella ha 3 pedras tumulares: uma ao centro e no chão, e as outras cravadas na parede aos dois lados do altar.

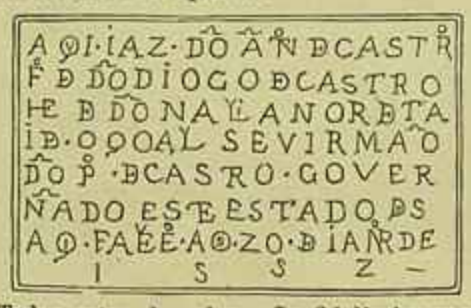
Na do chão e por baixo de um chapeu prelaticio lê-se o seguinte:



Na da parede do lado do evangelho está



e na do lado da Epistola



Todos estes desenhos são fidelissimamente copiados por AUGUSTO DE CASTILHO.

VIAGENS

DOS SRS.

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS

na Africa Equatorial

OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

VI

Descreveram-se já, nas suas linhas principaes, os territorios atravessados pelos dois Exploradores.

Vejâmos agora a physionomia e os mais caracteristicos costumes dos povos que n'essas regiões elles encontraram:

Os negros que os Exploradores poderam observar, atravessando a região littoral da Africa, pantanosa e particularmente insalubre, são um legitimo producto d'estas más condicções. A estructura d'elles é rachytica e a mais distante, entre todos os povos africanos, do typo agil e elegante do europeu.

Não teem quasi outra industria mais que a pesca. Pouco agricultam e, por isso, vivem miseravelmente. Não vão ao interior; mas, na costa empregam-se ás vezes no transporte dos viajantes ou no dos colonos.

Os nomes de Mondombes, Mucuissos, Mucuandos, são os que designam as populações d'esta primeira parte d'Africa.

Teem em alto gráo os caracteres mais conhecidos dos pretos: — os beiços grossos, as faces proeminentes, os narizes achatados.

Na região montanhosa, que Capello e Ivens atravessaram no seu caminho por Quillengues e Caconda, já as populações se apresentam, consoante a melhoria do clima, mais bem formadas e robustas.

Os Nanos, os Gallangues, os Bailundos, sendo mais vigorosos, são mais guerreiros que os negros do littoral. Viajam muito; e, porque a caça, feita de ordinario pelas feras, seja muito difficil para o homem, são cultivadores. Todos os annos, de fevereiro a abril, pelos mezes da nossa primavera, é frequente encontrar populações inteiras de negros embriagados com o summo fermentado do fructo do *Gongó*.

Todos os individuos d'estes povos se cobrem apenas com um pequeno panno ou pelle.

O seu alimento é quasi que exclusivamente o *infunde* de farinha de milho ou de mandioca. Apenas, em raros banquetes solemnes, matam alguma cabeça do gado que pastoreiam. As mulheres são, em muitas partes, as unicas que trabalham, cultivando os terrenos e preparando os alimentos, que servem aos homens, deitados ou acocorados nas libatas.

Á proporção que se penetra em Africa e que se sobe para o planalto as raças vão-se apresentando melhoradas.

Os Bihenos, são esveltos, desenvolvidos, sem grande prognatismo e com as carapinhas formadas por longos pellos.

Á sua estructura perfeita e vigorosa corresponde uma grande actividade. São os grandes viajantes d'Africa, para trazerem os productos do interior, — de Cassango-Calombo a 8 dias de Niangue no Lualaba, do Sertão do Samba, da Garanganja, da Camunguessa e de Catanga.

Pela sua posição, mas tambem pela educação dos seus povoadores, o Bihe é a chave commercial do sul da Africa, na costa de Oeste.

Os terrenos por onde os Exploradores desceram do Bihe para a bacia do Quanza são muito povoados. Encontravam-se numerosas Sanzalas a pequenas distancias umas das outras.

O Quanza divide os Ganguellas dos Bihenos.

Os Ganguellas, altos e robustos, são dos povos mais notaveis d'esta parte d'Africa. São elles os grandes industriaes d'uma vastissima região. O trabalho do ferro, o fabrico do aço, encontra-lhes uma aptidão especial de que derivam as enchadas, os machados chamados *N'Djabit*, as facas, etc., que se espalham pelos sertões, em volta, até grande distancia, a ponto de, mesmo na costa do Atlantico, muitos cul-

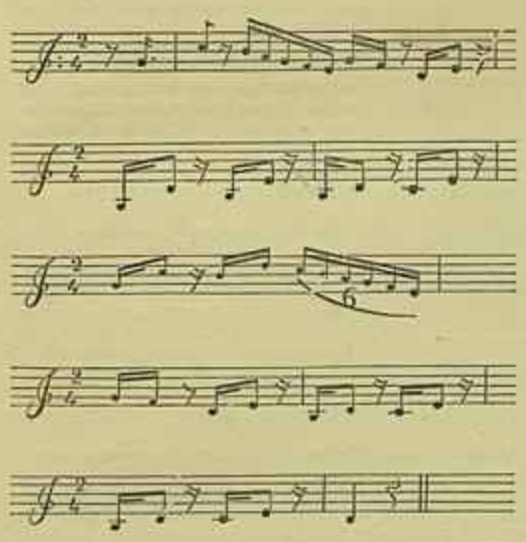
tivadores preferirem as enchadas feitas pelos Ganguellas ás que os Europeus introduzem.

Em Africa estes povos são conhecidos principalmente pela designação de «Ganguellas da Cera», de que elles, com effeito, abastecem os mercados de Cassange e Bihé, d'onde recebem, em troca, riscados d'algodão, misangas, manilhas de latão e, sobretudo, o que mais apreciam: — aguardente. Elles mesmos fabricam, com agua e mel, uma bebida excessivamente enebriante.

N'esta parte d'Africa os Ganguellas parecem ser os mais notaveis musicos. Trabalhando ou caminhando os negros cantam muitas vezes. A sua musica é uma especie de melopea, ou melodia continua, sem a accentuação rythmica, ou as divisões da musica europeia, dando talvez o effeito, pela repetição e monotonia, das canções mouras da costa africana do norte.

Entre os Ganguellas, porém, os Exploradores portuguezes descobriram e poderam fixar um documento interessantissimo:

Ainda em Quiteque, o Soba mandava frequentes vezes, a saudal-os, um grande rancho de musicos Ganguellas. Estes, quasi sempre, sobre uma estranha mas bella phrase melodica que os viajantes retiveram de ouvido e que aqui deixamos notada, contavam uma historia das suas Sanzalas:



— «De manhã, ao romper do dia as raparigas saem para os campos cantando:

Bruhaha! Bruhaha!

«E nos campos, sobre as plantações, estão, devastando-as os gafanhotos. Então as raparigas ligeiras enchotam-nos e cantam:

Bruhaha! Bruhaha!

«E os gafanhotos levantam-se, voando, n'uma grande nuvem, ruidosa, sobre as cabeças e os braços agitados das raparigas:

Bruhaha! Bruhaha!»

E os proprios cantores Ganguellas agitavam os braços em grandes gestos, figurando a scena rural, das clareiras plantadas dos seus mattos, de manhã, ao romper do dia.

A musica que hoje damos no OCCIDENTE, e que devemos á extrema bondade dos Exploradores, é pois uma verdadeira preciosidade. Ha n'ella, se nos não enganamos, em germen, todo um estylo e toda uma eschola futura de arte, a individualidade characteristica d'uma raça.

Como o objectivo dos Exploradores era o estudo dos affluentes da margem esquerda do Congo, precisaram determinar as nascentes do Coango, um dos mais importantes d'entre elles.

Essas nascentes encontraram-n'as nas plantações do Muene Quibao, tio do N'Dumba Atembo.

Das cabeceiras do Cuango, do Tchicapa, do Cassai para o norte estende-se o paiz onde habitam os Quiocos.

As suas povoações tem um aspecto original e agradavel: As cabanas são circulares, cobertas de capim, e conicas, com os tectos muito altos, ponteagudos e elegantes. [1]

[1] Vide OCCIDENTE, vol. III, pag. 85.

N'Dumba Atembo, o Soba do Quioco, visitou um dia os Exploradores portuguezes. Precediam-n'o homens com tambores, tabalhas e outros instrumentos ruidosos.

O Soba vinha montado n'um negro e fazia esgares e gestos extravagantes. O corpo estava coberto, em parte, por um jaleco vermelho bordado a misanga e por um panno de côres vivas que lhe cingia as pernas. Na cabeça trazia uma corôa de latão; nas mãos anneis e unhas dos mesmos metaes.

Era um homem perspicaz, curioso, informando-se com os Exploradores acerca dos costumes dos brancos.

Os Quiocos são magros, ossudos. Andam ás vezes envoltos em pelles de pantheras, e com os cabellos penteados em longas tranças pendentes.

São estes os grandes caçadores d'esta parte d'Africa; belicosos e mais selvagens que os Bihenos. Descem frequentes vezes pelo rio Tchicapa e chegam até ás terras do Muene-Mae, ao sertão de Lubuco ou Luba, muito distante, no curso medio do Cassai, para nordeste, onde encontram os rebanhos numerosos dos elephantes, para virem depois, com os despojos das suas correrias, negociar em marfim e em borracha.

Sobre a origem dos differentes povos que o viajante encontra no interior d'Africa é facil recolher indicações que, no fundo, tem todas uma grande similhança. Todas indicam que as populações colonisaram os territorios onde agora estacionam, vindas de pontos distantes. A ampliação emphatica dos narradores, a sua imaginação e credulidade, devem ter juntado a lenda á base, realmente historica, em que sem duvida todas assentam.

Uma mulher chamada Atembo, da Lunda, nas terras do Muata-Ianvo teve tres filhos: o N'Dumbo-Atembo, o Musumbo-Atembo e o Cassange-Atembo. D'estes, emigrando, sahiram os Quiocos, os Bangalas e os Sombos.

Os Quiocos deram aos exploradores informações minuciosas sobre os povos visinhos que são, a começar pelo sul e a oeste do Cassai, os Macosas, os Matabas, os Cauris, os Peindes, os Maiacas; e a leste os Sambos, os Calundas e Moluas, os Canandas, os Cachelangues e os Zuala-Mavumos.

Os Cachelangues e os Zuala-Mavumos parece serem anthropophagos. O nome d'estes ultimos significa *pelle de barriga* porque, com effeito, conseguem, puchando-a desde pequenos, fazer com que a pelle do abdomem se lhes prolongue como um avental até ás coxas.

Ao norte e a noroeste dos Quiocos, no immenso territorio que se estende de Tala-Mogongo ao Congo, habitam, para oeste, os Bangalas até pelas alturas de Suco-ia-Moquita, a maior e a ultima cataracta do Congo e, para leste, os Mahungos. Entre uns e outros ficam as terras da Jinga.

Os Bangalas são, n'esta parte de Africa, ao norte, o que os Bihenos são mais ao sul: os grandes viajantes commerciaes.

Cassange, que é o seu grande centro d'elles, é a chave commercial do sertão de Quioco, de Lunda (onde como se sabe domina o celebre Muata-Ianvo) e do Peinde, que se estende até ao Zaire. Ali convergem os productos de todos estes extensissimos paizes.

(Continua) ALBERTO DE CERVAES.

LIVROS NOVOS

A VIDA ALEGRE, *por Julio Cesar Machado*, editor Mattos Moreira & C.ª, 1 volume de 280 paginas.

É a segunda parte dos *Apontamentos d'um folhetinista* o formoso livro de Julio Cesar Machado que no começo do anno appareceu nas livrarias. Appareceu e vae já desapparecendo, um condão quasi exclusivo que tem os livros de Julio Machado, esse delicioso escriptor, o unico que actualmente na nossa terra cultiva com tanto primor esse genero tão interessante, tão util e tão francez, *as memorias*.

A vida alegre é um livro positivamente encantador: pega-se n'elle, abre-se na primeira pagina e lê-se todo por ali fóra, sem descançar, sem tomar o folego, com a attenção presa como se se tivesse cahido, ingenuamente na engrenagem complicada d'um romance de enredo. É que Julio Cesar Machado é um conversador *hors-ligne*, tem uma maneira excepcional, exclusiva de dizer as coisas, de contar as historias, de fazer a phrase, de preparar o dito, de entremear a anedocta; é um artista delicadissimo, um elegante e extraordinario cinzelador do estylo, um escriptor aparte, perfeitamente original, que possue uma possantissima individualidade, que se accentua na mais curta phrase, no mais pequeno promenor, de modo a não ser possivel confundir-se com mais ninguem. E os seus livros são tal e qual elle: ha perfeita identidade entre o auctor e a obra, e por isso a obra encanta sempre, prende, attrahe e fascina pelo espirito originalissimo; pela graça especial, pelo tom distincto, superior, litterario, extranho que as destaca completamente de todas as outras obras, e lhes marca um logar especial, unico, na nossa litteratura.

N'estes livros Julio Machado conta historias da sua vida, da sua mocidade, dos homens com quem viveu, dos artistas que conheceu, dos litteratos com quem privou. Tudo isto é por si d'um interesse palpitante, enorme para o nosso tempo, para os nossos convidados avidos, aguçados pela nova feição do jornalismo diario, que elevou ao grão d'uma sciencia a informação minuciosa, e a anedocta interessante; imagine-se o que será tudo isto contado pelo grande e brilhante folhetinista. *A vida alegre* é a parte das memorias de Julio Machado que se refere ás suas viagens ao Porto, á Nazareth, a Alcobaça, a Evora, a França, a Passy, a Madrid, a Badajoz, a Milão, a Veneza, e por fim ao Instituto Industrial; vem cheio de historias engraçadissimas, extraordinarias, a fundação do jornal o *Tejo*, a historia do malogro do casamento de Florindo do *Tabaquinho* d'Evora, a da lição de dança com o Monnet, e o contracto dos *Contos ao luar* com o Seabra, eu sei lá, uma enfinidade de anedoctas deliciosas, de casos magnificos, a que não falta de vez em quando uma delicadissima nota triste que lhes realça o poderoso encanto. Querem uma amostra? Ahi tem n'este numero o OCCIDENTE a acompanhar o retrato do fallecido José de Sousa Bandeira, um perfil interessantissimo do excentrico jornalista portuense, conhecido por *Braz Tizana*, feito por Julio Cesar Machado, e que não são decerto das paginas menos brilhantes d'esse novo livro *A vida alegre*, de que registramos hoje aqui a apparição e d'onde o tirámos com venia do seu auctor

HISTORIA ALEGRE, *por Pinheiro Chagas*, editor David Corazzi, 1 volume.

Outro livro tambem alegre e tambem d'um grande e excepcional escriptor. A *Historia Alegre* é uma verdadeira novidade entre nós, é a historia contada a rir, a brincar, de modo que no fim de se ter folhiado com o sorriso nos labios todo o livro, quando se imagina ter-se passado apenas duas horas deliciosas d'uma leitura engraçadissima, repara-se que se ficou sabendo a historia de Portugal, muito melhor, com muita mais comprehensão dos factos do que se se tivesse passado uma semana a escabeçar sobre os enormes e empoeirados infolios. Não é só um bello livro, a *Historia Alegre*, é tambem uma bella acção.

São raras as boas obras d'ensino que ha pelas nossas escolas e pelos nossos livreiros.—O novo livro de Pinheiro Chagas é um bom livro e ao mesmo tempo — o que é não vulgar conciliar entre nós — um livro divertidissimo.

G. L.

UM DESENHO INEDITO DE BARBOSA LIMA

MONUMENTO DE THOMAR

(Continuado do n.º 73)

O monumento, esse, é que continua a subsistir como significativo padrão do grandissimo jus que os Templarios e os cavalleiros de Christo conquistaram á gratidão da posteridade. De ambas essas corporações nos falla eloquentemente aquelle complexo aggregado de construcções que olha imponente e sobranceiro para as subjacentes verduras da pittoresca varzea de Thomar.

Castello e convento constituem simultaneamente preciosos specimens de edificações realisadas sob a iniciativa d'aquellas duas riquissimas Ordens.

Começado a construir no 1.º de março de 1160 sob o governo do mestre Gualdim Paes, como certifica a inscripção latina que lá se lê gravada n'uma lapide, o castello dos Templarios, cuja provada solidez tem sabido atravessar sem consideraveis estragos sete seculos de existencia, conserva ainda a sua fabrica primitiva, e, embora mais tarde accrescentado ou restaurado n'um ou n'outro ponto pelos cavalleiros de Christo, como se denuncia pela cruz da Ordem symbolicamente entalhada nas suas ameias, representa um monumento curiosissimo d'aquellas épocas primevas.

Do convento que diremos? que abrange em si os mais interessantes exemplares de ar-

chitectura com respeito ao periodo que desliza desde que Affonso Henriques fundou a golpes de montante a nossa autonomia até que os Filippes de Castella nol-a subverteram sob o seu intruso dominio de ominosa memoria.

Ali vemos effectivamente ainda a charola dos Templarios, — templosito octogonal em que elles faziam suas rezas e devoções, e que D. Manuel reservou para capella-mór da nova egreja por elle fundada quando resolveu mimosear a Ordem de Christo com edificio de mais sumptuosa fabrica.

Lá temos, pois, a par do templo primitivo, e fazendo corpo com elle, a magnifica construcção manuelina desatando-se nos phantasticos rendilhados e floreados lavores tão caracteristicos d'aquelle opulentissimo estylo.

Por outro lado o claustro do *Cemiterio* fundado pelo infante D. Henrique (como tambem foi o claustro da *Laragem* actualmente em ruinas) apresenta-nos um elegante specimen da architectura gothica no seu estado de pureza, emquanto o claustro dos *Corcos* construido em tempo d'el-rei D. João III revela o estylo pesado e desgracioso da sua época.

Contrastando com estes depara-se-nos o claustro Filippino de sumptuosa construcção no estylo da Renascença, e, como tal, recommendavel por ser um interessante exemplar da architectura que representa. Assim não tivesse havido o mau gosto de o edificarem no sitio onde está, e que tão desacertadamente escolhido foi, porque pela sua pessima collocação chega a estorvar e a obstruir bellezas contiguas de construcções anteriores!

O convento, que a estampa nos mostra em continuação da egreja, é em grande parte fundação d'el-rei D. João III, que n'elle introduziu vastas fabricas e officinas por occasião de reduzir os cavalleiros á clausura monastica. Mais tarde o accrescentaram tambem D. Sebastião e os Filippes de Castella.

Uma porção d'esse edificio é hoje pertença do sr. marquez de Thomar que em tempos a comprou, assim como os terrenos contiguos da cêrca.

Por ultimo a estampa deixa-nos ainda ver a terminação de um soberbissimo acqueducto, obra monumental com que os Thomaristas justamente se ufanam.

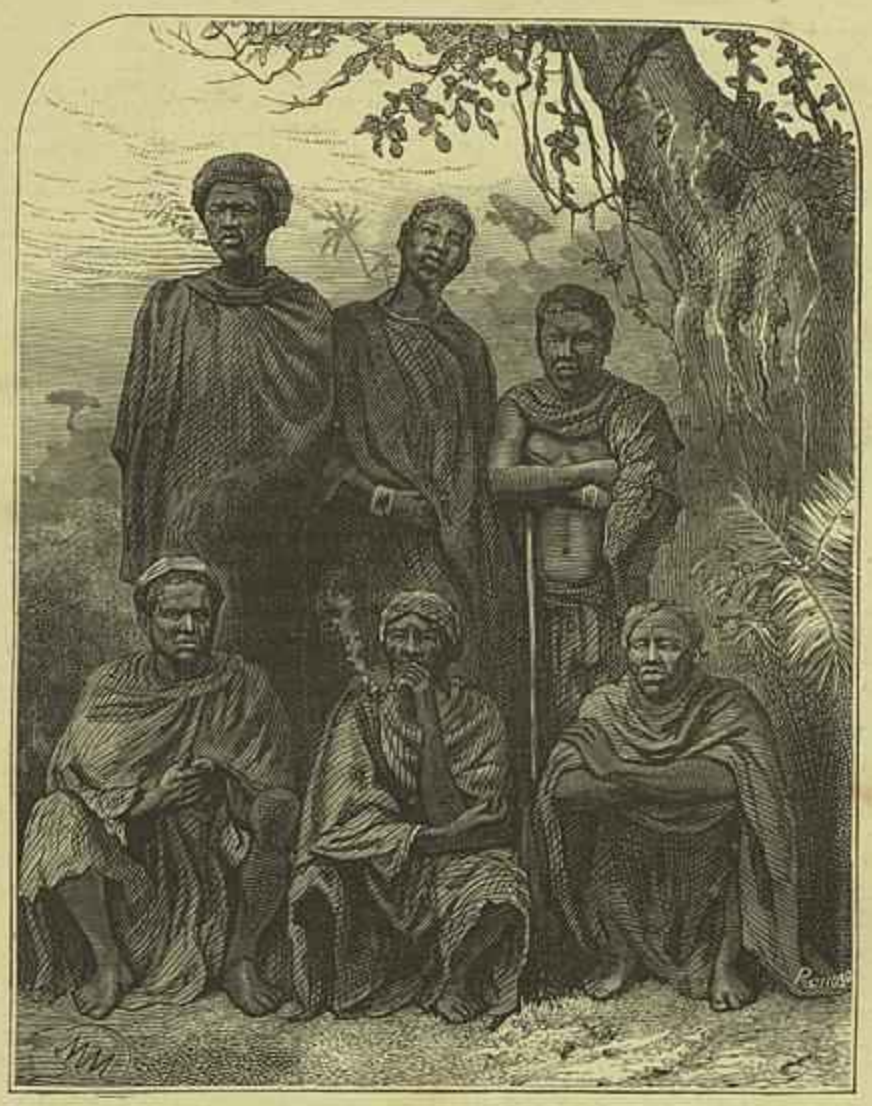
É realmente uma construcção grandiosa, e deve-a Thomar aos Filippes que em 1595 lhe deram começo e em 1613 a concluiram.

Destinado a abastecer todas as officinas do convento assim como a horta e pomares contiguos, o acqueducto de Thomar revela bem por si a inequivoca sympathia que os freires de Christo, inspiravam aos Filippes, e representa talvez um documento testemunhal com que estes quizeram fazer sentir sua gratidão pelo affectuoso agasalho que o sinistro *Demonio do Meio-Dia* ali teve em 1589, quando festivamente acclamado e jurado rei n'aquellas celebres côrtes de luctuosa recordação.

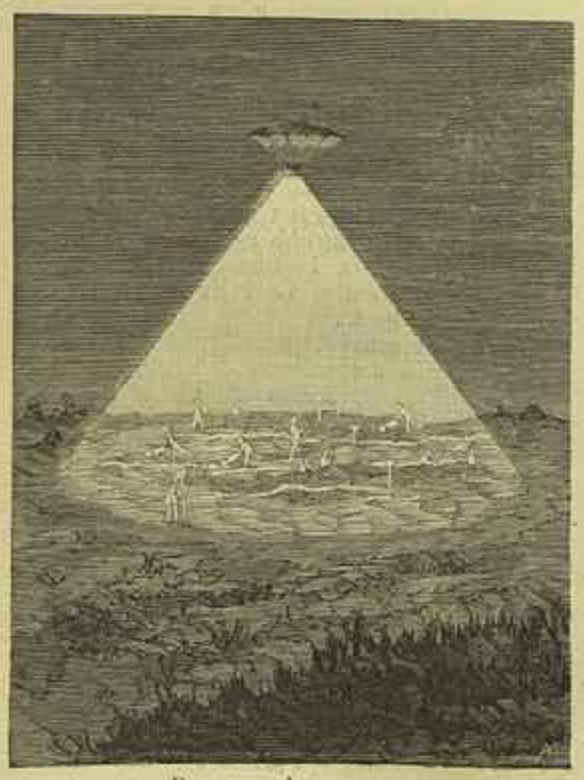
Começa o encanamento a quasi uma legua de distancia, onde lhe fornecem agua excellente dois fartos mananciaes, e segue ora subterraneo, ora elevado sobre arcos, conforme o accidentado terreno que atravessa lhe indica a necessidade de cortar montes ou de galgar por sobre valles. As arcadas formam tres galerias, a ultima das quaes nascendo em uma collina proxima vem a final, como a gravura indica, morrer encostada á frontaria meridional do convento.

(Continua). XAVIER DA CUNHA.

VIAGEM DE EXPLORAÇAO NA AFRICA EQUATORIAL



TYPOS MUNDOMBES — (Segundo photographia dos exploradores Capello e Ivens)



PROJECTIL ILLUMINANTE
Experiencias feitas em Vincennes

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

OS LUSIADAS, edição Biel, Porto, 1880, 10.ª caderneta d'esta esplendida publicação.

ESTUDOS PREHISTORICOS EM PORTUGAL — NOTICIA DE ALGUMAS ESTAÇÕES E MONUMENTOS PREHISTORICOS. *Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa, por* CARLOS RIBEIRO . . (com a traducção em francez) Lisboa. Typographia da Academia 1880. 4.º gr. de 88 pag. e uma de erratas e 7 estampas. — É a 2.ª memoria que comprehende os *Monumentos megalithicos das visinhanças de Bellas*. A importancia d'este trabalho já foi indicada no artigo biographico do illustre geologo, e sel-o-ha mais detidamente nos *trabalhos dos congressos*.

Luiz de Magalhães — PRIMEIROS VERSOS, *Porto, imprensa portugueza* MDCCCLXXX. 8.º port. de 132 pag. e uma de indice. — Alguma facilidade e certa viveza constituem o caracterisco d'estes versos. Com quanto o auctor pareça querer fazer uma innovação com o *sentimento scientifico da natureza e da sociedade* em verso, isso é tão antigo como a poesia. Desde Hesiodo, Lucrecio, Ovidio, passando por Camões até José Agostinho e Soares de Passos todos tem deslisado pela *poesia philosophica* com mais ou menos felicidade. Não o querendo fazer, ha muita methaphysica nos seus versos, que é o perigo d'estas composições e o desejo de crear imagens novas, faz dizer coisas pouco coherentes como o *ventre herculeo* da natureza e outras. — Com o tempo, estudo, correcção e gosto mais perfeito dá-nos muitas esperanças o talento do auctor.

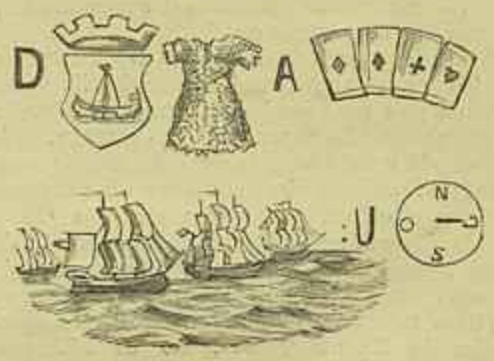
CATECHISMO POLITICO-MORAL BAHIANO *pelo dr. José Ferrari... Bahia, imprensa economica* 1880 — 234 pag. e uma de erratas. — O auctor que o é do projecto de um *Codigo de merito social*, da *Doutrina moral*, dos *Rudimentos* d'ella, etc., pretende por todos os modos procurar a felicidade dos seus concidadãos; é por isso digno de todo o louvor.

Rozendo Moniz, PREITO A CAMÕES, RIO DE JANEIRO, *typ. e lithogr. de Moreira, Maximino & C.ª, rua da Quitanda*, n.º 111, 1880, 4.º gr. de 51 pag. — Esta esplendida edição de algumas poesias e artigos do auctor vem tomar um logar distincto nas Camoneanas, onde de justiça deve entrar, como preito que é ao nosso grande epico.

HOMENAGEM A CAMÕES, MDLXXX-MDCCCLXXX — Coimbra, casa Minerva — MDCCCLXXX — 8.º franc. de 11 pag. — Singela homenagem ao cantor das nossas glorias, de que se tiraram só 50 exemplares, e que tem tambem de entrar em todas as Camoneanas.

GEOGRAPHIA MODERNA, NOVO ATLAS, contendo 24 mappas coloridos e um diagramma de termos geographicos; — é um bello brinde da *Empreza Horas Romanticas* aos assignantes do romance Lubin & C.ª muito perfeito portatil e proveitoso.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

O OCCIDENTE entra no seu quarto anno.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6